

# CULTURA DE PAZ E CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO E A EMANCIPAÇÃO HUMANA.

Catarina da Graça Almeida Matos<sup>1</sup>  
Dário Gomes do Nascimento<sup>2</sup>  
Kelma Socorro Alves Lopes de Matos<sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO

A paz, conceito por vezes apresentado de forma dúbia, mostra-se cada vez mais em pauta nas discussões inter-religiosas, políticas e educacionais da atualidade, considerando a necessidade urgente do debate e de ações concretas, voltadas ao estabelecimento e construção da paz.

Apresentamos algumas reflexões que fundamentam o que denominamos *paz positiva*, pautada na justiça social, respeito aos direitos humanos e fomento de relações democráticas, o que, em muitos casos se dá também através da forma como são resolvidos os conflitos (JARES, 2002). Apresenta-se aqui um segundo conceito, o de conflito positivo, que ocorre pela contraposição de ideias, crenças ou valores, através do diálogo e respeito ao posicionamento do outro, renegando qualquer ato violento contra quem defende algo que difere daquilo que pensamos.

Vemos aqui a defesa de uma paz que se apresenta de maneira dinâmica, consciente e crítica, contrapondo-se ao conceito de uma paz alienante, que faz silêncio e se submete ao poder estabelecido. Em contraposição à crença de que a paz se dá pela aceitação passiva, a paz positiva prega a realização de ações concretas com o objetivo de transformação de relações opressoras.

Para tanto temos como um dos fundamentos desse trabalho os estudos sobre a paz realizados por Xésus Jares (2002), Matos; Nonato Junior (Orgs., 2010), Matos, (Org., 2011) e Matos (Org., 2012). Trazemos ainda uma reflexão a partir do pensamento de Henry Thoreau

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Letras-Português, na Universidade Federal do Ceará - UFC. Membro do Grupo de Pesquisa Cultura de Paz, Espiritualidade Juventudes e Docentes. Email: catarina178@hotmail.com

<sup>2</sup> Graduado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Membro do grupo de pesquisa Cultura de Paz, Espiritualidade, Juventudes e Docentes. Bolsista FUNCAP. Email: dariosigma@hotmail.com

<sup>3</sup> Pós- doutora em Educação (UFBA) professora Associada do Departamento de Fundamentos da Educação FACED – UFC e do Programas de Pós-Graduação em Educação Brasileira (UFC). Coordenadora do grupo de pesquisa Cultura de Paz, Espiritualidade, Juventudes e Docentes. Email: kelmatos@uol.com.br

(1997), que serviu de inspiração às ações de grandes pacificadores da humanidade, como Mahatma Gandhi e Martin Luther King.

## **CONHECENDO MAIS SOBRE A PAZ POSITIVA**

Vivemos um período em que a humanidade está a cada dia mais interessada por assuntos que envolvem o crescimento social coletivo, que aqui desejamos que seja entendido como, por exemplo, a integração do ser humano ao ambiente, a interdependência social positiva, a harmonia, em sentido amplo, nas diversas áreas do desenvolvimento humano. Novos paradigmas surgem, e com a temática da paz não é diferente (GUIMARÃES, 2000). Há um empenho maior, relativo à construção desse processo. Nossa sociedade, porém, ainda absorve culturalmente um conceito ultrapassado sobre o que seja a paz. Sua definição tradicional a apresenta como um instrumento de estagnação social, como se o sinônimo de paz fosse silêncio ou passividade. Compreendê-la dessa maneira prejudica a tentativa de se construir uma sociedade ativa, que busca a transformação positiva das condições sócio-econômicas do povo, diante das desigualdades e injustiças sociais.

A paz em sua forma tradicional, traz o risco de adentrarmos num campo de alienação e conformismo social, escondendo a justificção da violação dos direitos humanos, da pobreza e da miséria, tendo em vista que a violência não se dá apenas de maneira direta, através da agressão e das armas bélicas, mas também de formas mais sutis, porém não menos perversas. (GUIMARÃES, 2006). Para a superação do conceito antigo de paz, é necessário entendê-la como algo inacabado, um processo no qual todos devemos nos engajar e construirmos juntos.

Para uma nova concepção de paz, trazemos o conceito de **Paz Positiva** (JARES, 2007), esclarecendo que a paz adquire novo significado, ao associá-la como antítese de violência (a guerra não deixa de ser um tipo de violência organizada). Além disso, é necessário compreender o sentido verdadeiro de **conflito** que, se mediado com o diálogo, transforma-se em mecanismo gerador da paz., evitando a violência e a intolerância.

É através dessa nova perspectiva de paz que buscamos difundir uma cultura pela valorização da vida, das relações humanas, pelo respeito à natureza e construção de uma sociedade em que os comportamentos sociais sejam respaldados com a construção de uma Cultura de Paz.

A ideia de paz tem se expandido, apresentando-se como uma necessidade mundial. Liberta-se do significado vinculado à guerra, e ganha espaço e importância nas diversas dimensões do ser humano. Assim, grupos e instituições sociais parecem caminhar em busca

de um mesmo objetivo, disseminar uma cultura de paz. De acordo com Guimarães (2000) a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, - UNESCO define Cultura de Paz como um

(...) conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e modos de vida fundados sobre uma série de aspectos”, como por exemplo, o respeito à vida, ao princípio de soberania, aos direitos humanos, à promoção da igualdade entre homens e mulheres e à liberdade de expressão; o compromisso de resolver pacificamente os conflitos; os esforços desenvolvidos para responder às necessidades planetárias; a promoção do desenvolvimento entre os povos.

Tal conceito trata de uma construção cultural, portanto sua repercussão sugere a superação ou transição de paradigmas. Contribuindo com a compreensão do que seja Cultura de Paz, Jares (2007) nos traz a discussão sobre a **Educação para a Paz**, que se entende como um processo educativo contínuo e permanente, fundamentando-se nos conceitos de paz positiva e conflito positivo, ajudando a desenvolver uma cultura que suscite nas pessoas um entendimento crítico da realidade, para que a sociedade possa vivenciar práticas baseadas no respeito mútuo, solidariedade, cooperação, justiça social, dentre outros valores próprios de um povo que busca a transformação social.

Assim, a Cultura de Paz apresenta-se como um caminho coerente na construção de uma sociedade em que as pessoas percebam-se parte de um todo, responsáveis pela superação do culto à violência e agentes transformadores, trabalhando e estimulando a promoção da Paz. Essa concepção de paz se contrapõe às segregações causadas pela intolerância, bem como quanto às injustiças sociais. O ato de evitarmos o conflito alimenta a manutenção de um contexto injusto. Nesse caso a ação de desobediência, tendo como eixo fundamental o diálogo, transformando o conflito em ato positivo, é , para além de uma opção, um imperativo ético.

## **JUSTIÇA, RESISTÊNCIA CIDADÃ E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: CONTRIBUIÇÕES DE HENRY THOREAU.**

Aqui nos referimos ao pensamento de Henry Thoreau (1997), autor norte-americano considerado um dos precursores do anarquismo. Na sua obra “Desobediência Civil” inicia a sua explanação com uma frase de impacto, que retrata, claramente ,o seu pensamento; “O melhor governo é o que governa menos” (THOREAU, 1997, p. 2). Não se trata de uma defesa do pensamento liberalista na atualidade, quanto a livre ação da iniciativa privada, sem maior controle do Estado, e sim com relação à defesa da ação humana, pautada na consciência

crítica, a qual nos leva a uma autonomia acerca daquilo que devemos pensar e fazer. Dessa forma, o melhor governo é aquele que servirá à melhor sociedade possível, onde homens e mulheres passem a se perceber enquanto construtores da sua realidade e co-responsáveis pelo meio no qual estão inseridos. Não é ainda algo que se aplique ao nosso contexto, mas que deve ser almejado.

Em não havendo a possibilidade atual de um governo que não governe Thoreau defende que se tenha um governo melhor, onde “(...) cada homem faça saber que tipo de governo mereceria seu respeito (...)” (1997, p. 2). Ou seja, para que a democracia se mostre legítima há de existir espaço para questionamentos e proposições, ainda que se contraponham ao pensamento da maioria. Isso se deve ao simples fato de que mesmo aquilo que está legalmente constituído pode ser uma injustiça. Em muitos casos a lei não se baseia em certo ou errado, e sim em convenções. Basta lembrarmos que há pouco menos de dois séculos o Brasil não era um país constituído, foi uma colônia de Portugal ao longo de três séculos, espoliado nas suas riquezas naturais. Nesse período considerava-se correto, mediante lei estabelecida, que um ser humano fosse dono de outros seres humanos. Considerava-se que as mulheres eram seres inferiores, e não deveriam ter direito a frequentar escolas, ou a ter tantos outros direitos.

A partir desse exemplo, fica claro que o ser humano deve refletir acerca do seu meio, bem como criticá-lo quando necessário, pois o ato de obediência civil, em muitos casos, pode expressar muito mais a injustiça do que qualquer outra coisa. O pensamento humano e a organização dos governos foram passíveis de melhorar ao longo da história graças a homens e mulheres que tiveram a coragem de se rebelar contra as injustiças do poder constituído, lutando por mudanças, pautadas na crença de um mundo mais justo. Thoreau foi um desses espíritos livres que questionou o sistema político do governo da sua época (meados do século XIX), criticando principalmente duas problemáticas: a questão da escravidão e o ímpeto imperialista dos Estados Unidos, que buscava anexar territórios provocando guerras contra países vizinhos. O autor trata, especificamente, da guerra contra o México, a qual resultou na anexação do que hoje é o Estado do Texas. O pensamento de Thoreau chega ao ponto central quando afirma que a maneira mais justa de nos posicionarmos contra uma injustiça, legalmente constituída, é praticando a desobediência e, dessa forma, expressando o nosso posicionamento.

Leis injustas existem: devemos contentar-nos em obedecer a elas ou esforçar-nos e corrigi-las, obedecer-lhes até triunfarmos ou transgredi-las desde logo? Num governo como este, os homens geralmente pensam que devem esperar até que a maioria seja persuadida a alterá-las. Pensam que, se

resistissem ao governo, o remédio será pior que o mal. Mas é culpa do próprio governo que o remédio seja, efetivamente, pior que o mal. É ele que o torna pior. Por que ele não está mais apto a antecipar e proporcionar a reforma? Por que não trata com carinho sua sábia minoria? Por que suplica e resiste antes de ser ferido? Por que não encoraja seus cidadãos a prontamente apontarem seus defeitos e a agirem melhor do que ele lhes pede? Por que sempre crucifica Cristo, excomunga Copérnico e Lutero e declara Washington e Franklin rebeldes? (THOREAU, 1997, p. 6)

A partir da sua insatisfação quanto ao sistema escravocrata estadunidense da época, bem como a guerra que os Estados Unidos estavam travando contra o México, Thoreau propôs uma ação efetiva, através da qual se buscasse posicionar de uma maneira concreta contra as injustiças praticadas pelo governo. Escolheu não pagar impostos, expressando que não desejava financiar as ações imperialistas, bem como a continuidade da subjugação dos negros, que tinham a situação de escravidão respaldada pelo Estado. Por conta disso Thoreau passou um dia preso, tendo sido liberado porque uma pessoa, contra a sua vontade, saldou a sua dívida.

O autor baseia as suas ações no pensamento de que devemos agir estrategicamente contrapondo-nos não apenas ao governo em si, mas às pessoas que o constituem, ou os cidadãos que fazem parte dele realizando atos injustos. O que Thoreau defende é o fomento de um estado justo, construído através de ações justas, ainda que, em alguns casos, consideradas ilegais. Seria, em suma, a ação de praticar a desobediência, deixando às claras as incoerências e injustiças sustentadas pelo ato de obedecer.

Thoreau enfatiza que:

Se mil homens se recusassem a pagar seus impostos este ano, esta não seria uma medida violenta e sangrenta, como seria a de pagá-los e permitir ao Estado cometer violências e derramar sangue inocente. Esta é, de fato, a definição de uma revolução pacífica, se tal for possível. (1997, p. 7)

Essas reflexões e exemplos apresentados por Thoreau suscitaram, posteriormente, ações empreendidas por revolucionários que se contrapuseram às injustiças praticadas pelos governos de suas épocas. É o caso de Mahatma Gandhi e Martin Luther King, os quais, respectivamente, lutaram pela independência da Índia e os direitos civis dos negros nos Estados Unidos, através de ações pacíficas, expressas pela desobediência civil.

É o que ocorre também na atualidade, através de ações pontuais ou movimentos da sociedade civil organizada, muitas vezes criminalizados pelos governos e pela mídia, que levantam bandeiras contra problemáticas tais como questões ambientais, injustiça social e preconceito. Vemos, portanto, que o pensamento de Thoreau reverbera e se mostra

potencialmente construtor de uma realidade mais justa, onde o ser humano se expresse conscientemente diante da sua realidade.

A partir dessa reflexão vemos relações estreitas entre o pensamento de Thoreau e o que aqui entendemos por Cultura de Paz. Uma visão geral sobre a vida e obra desse autor nos permite compreender melhor porque ele serviu de influência para grandes pacificadores da humanidade, tais como Luther King e Gandhi.

## **RELAÇÕES ENTRE DESOBEDIÊNCIA CIVIL E CULTURA DE PAZ**

O vanguardismo de Thoreau está expresso nas suas idéias e ações, consideradas excêntricas para o contexto histórico no qual viveu esse autor. Ele esteve muito à frente de sua época, ao defender a igualdade de direitos humanos, independente de cor, nacionalidade ou pensamento. Há que se ressaltar que também foi o autor da obra “Walden” (1854) em que relata a experiência ao viver dois anos em um casebre à beira do lago Walden, isolado, em boa parte do tempo, do convívio social, sobrevivendo à custa do seu trabalho e do que a natureza tinha para lhe oferecer (THOREAU, 1854). Em “Walden” Thoreau apresenta argumentos contra um dos grandes males que atinge a sociedade contemporânea, o consumismo, demonstrando ainda a importância de vivermos integrados ao meio ambiente, utilizando, de maneira responsável e respeitável, os recursos que esse nos oferece. Foi poética e espiritual a relação que Thoreau estabeleceu com o lago Walden, com a floresta que o cerca e os animais que ali habitavam, escrevendo dessa forma, um tratado em prol da preservação do meio ambiente.

Consideramos o pensamento de Henry Thoreau de acordo com o que vemos como necessário para o estabelecimento de uma Cultura de Paz. Através da sua obra “Desobediência Civil”, Thoreau chama a atenção para o fato de que necessariamente estamos tomando partido do que acontece no mundo. Paulo Freire (2005) também indica essa questão, ao nos dizer que podemos ser a favor da realidade presente, ou renegarmos as injustiças e lutar por uma sociedade melhor. Manter-se neutro, nesse caso, é fomentar a continuidade do que está posto.

Thoreau expressa nos seus pensamentos um profundo respeito à diversidade, à defesa da justiça social e a necessidade da prática da democracia, tanto da parte do Estado como também do cidadão que o constitui. Isso torna as ideias desse autor próximas às da paz positiva, construída através de ações conscientes que visam a transformação do estado de desigualdades e violências.

Ressaltamos ainda que em nenhum momento da “Desobediência Civil” Thoreau fala da necessidade de armas para que se faça necessário o estabelecimento das suas proposições. Ele indica que o “(...) Estado nunca enfrenta intencionalmente a consciência intelectual ou moral de um homem, mas apenas seu corpo, seus sentidos. Não está equipado com inteligência ou honestidade superiores, mas com força física superior” (THOREAU, 1997, p. 9). Daí a necessidade de pensarmos estrategicamente, a fim de que uma ação pautada na defesa de uma idéia seja efetiva e simbólica, o que fez com que o autor demonstrasse seu sentimento de insatisfação com o não pagamento de impostos. Esse foi o mesmo posicionamento tomado por Gandhi, ao assumir a postura de não-cooperação com o governo britânico, através do não pagamento do imposto do sal, por exemplo, tendo como foco a independência da Índia. Esse também foi o posicionamento de Luther King, ao incentivar a desobediência em relação à segregação entre negros e brancos no acesso ao transporte público. Esses dois grandes pacificadores foram presos. Ambos viram suas idéias se fortalecerem após suas prisões, causadas pelo combate às expressões incoerentes, relacionadas às injustiças, sustentadas pelo poder dominante. Lembramos que tanto Gandhi quanto Luther King são defensores da não-violência, ou seja, desejavam e organizavam a transformação social através da paz e da resistência política.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As propostas da construção por uma Cultura de Paz, assim como a dos princípios da Desobediência Civil, mostram-se pertinentes diante da realidade violenta e injusta atual. Acreditamos que a educação é uma forte ferramenta para a incorporação e difusão dos conceitos apresentados nesse trabalho, agregando novas perspectivas para a sociedade, fundamentadas em ideias que valorizam a dignidade humana e ajudam na superação da cultura vigente, que menospreza o Ser.

Faz-se necessário, portanto, uma reflexão sobre a quem nossas ações estão servindo. Vemos que ao abdicarmos da possibilidade de praticar o bem, em decorrência de alguma dificuldade, ou pelo medo de represálias, cometemos negligências, marcadas pela falta de compromisso com a mudança. Estar no mundo sendo humanos é necessariamente uma condição que nos chama a sermos sujeitos.

Os estudos aqui apresentados nos conduzem a um caminho de legitimização da ação humana, que busca o conflito positivo para chegar a uma situação de bem comum, que não teme represálias, pois compreende a necessidade da construção de uma cultura em que os

indivíduos saiam da condição passiva, cultivada e defendida ao longo da história humana, e busquem, continuamente, as mudanças sociais, baseados em atitudes respaldadas na paz positiva.

## **REFERÊNCIAS**

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 40ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GUIMARÃES, M. R. **Por uma Cultura de Paz**. In: Revista Mundo Jovem. Porto Alegre, 2000.

GUIMARÃES, M. R. **Repensando a Noção de Paz**. In: Aprender a educar para a paz. Ed Rede Paz, Goiás, 2006.

JARES, X. R. **Educação para a paz: sua teoria e sua prática**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

JARES, X. R. **Educar para a paz em tempos difíceis**. São Paulo: Palas Athena, 2007.

MATOS, K. S. L. de; NONATO JUNIOR, R (Orgs). **Cultura de Paz, Ética e Espiritualidade**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

MATOS, K. S. L. de (Org). **Cultura de Paz, Ética e Espiritualidade II**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

MATOS, K. S. L. de (Org). **Cultura de Paz, Ética e Espiritualidade III**. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

THOREAU, H. D. **A desobediência civil**. Tradução: Sérgio Karam. Porto Alegre: L&PM, 1997. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/cdrom/thoreau/thoreau.pdf> >. Acesso em 01 Março 2013.

\_\_\_\_\_. **Walden**. Lisboa: Antígona, 2009